

FRACASSO ESCOLAR: DEFINIÇÕES, CAUSAS E PERSPECTIVAS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.957112430098>

Data de aceite: 04/10/2024

Sara Sousa Barbosa

Faculdade de Educação – UFG

Regiane Ávila

Faculdade de Educação – UFG

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar é um tema que já foi, e continua sendo, amplamente discutido no âmbito educacional e social, no qual, a busca por explicações para sua ocorrência ou quem são os possíveis culpados pelo fracasso escolar do estudante estão relacionados a esta discussão. Pesquisas no meio acadêmico também trouxeram amplos debates sobre este tema, em sua maioria, buscam por meio de investigações e estudos exploratórios compreender como a sociedade brasileira classifica o fracasso escolar, evidenciando que este fenômeno não se separa das questões sociais e da estrutura da sociedade. Além disso, destaca-se que este fenômeno é comumente relacionado às dificuldades do estudante no processo de aprendizagem, evasão escolar, repetência e baixo desempenho nas atividades educacionais.

Cordié (1996) afirma que o desenvolvimento desigual da sociedade fez nascer o fracasso escolar que ela caracterizou como patologia, pois assim como as neuroses, o fracasso escolar foi

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender como o modo de produção capitalista se organiza para produzir e reproduzir o fracasso escolar. Nesse sentido, a problemática que permeia a presente pesquisa é: Como o modo de produção capitalista se organiza para produzir e reproduzir o fracasso escolar? Busca-se, portanto, desenvolver a questão de que o fracasso escolar é um fenômeno social e historicamente produzido, com base no pressuposto de que a educação é dependente de uma estrutura social que está carregada de desigualdades, marginalidade e de uma cultura de exclusão que se encontra materializada na estrutura do sistema capitalista. Dessa forma, concluímos que relacionar o fracasso escolar ao capitalismo não é outra coisa que analisá-lo como componente de sua estrutura desigual e excludente.

PALAVRAS-CHAVE: Fracasso escolar – Educação – Sistema Capitalista

produzido por uma mudança social, que neste caso aponta para as transformações no mundo do trabalho que promoveram uma sociedade cada vez mais tecnicista e o surgimento das novas exigências dessa mesma sociedade, o que envolve o fato de que aquele que estuda, que tira boas notas e se empenha na escola, conseguirá um futuro brilhante. Entretanto, essa questão não leva em consideração a desigualdade de oportunidades, particularidades do estudante e desafios da educação.

Dessa forma, essa pesquisa se mostra relevante ao analisar de que maneira a situação de fracasso escolar se desenvolve dentro da instituição de ensino e como os fatores sociais, tais como a desigualdade, falta de oportunidades e outras questões que envolvem a marginalização social e educacional refletem no processo de aprendizado dos estudantes e conseqüentemente na produção do fracasso.

Além disso, historicamente, as desigualdades, preconceitos e estereótipos estiveram presentes nas instituições de ensino e, o rótulo de fracassado atribuído a estudantes e suas vivências escolares, bem como as causas deste mesmo fracasso transferidas para os familiares, professores e o próprio aluno, demonstram que em muitos casos o fenômeno é associado a fatores sociais isolados.

Partindo disso, a problemática que orienta toda essa pesquisa é: Como o modo de produção capitalista se organiza para produzir e reproduzir o fracasso escolar? Essa questão principal parte da ideia de que a escola reproduz a sociedade na qual está inserida (SAVIANI, 1999), portanto, se faz necessária uma análise crítica a respeito das desigualdades sociais que engendram todo o processo educacional de modo que não se tenha um obscurecimento dos processos sociais que produzem o fracasso do estudante.

Dessa forma, deseja-se que esta pesquisa traga contribuições no sentido de despertar um olhar crítico sobre a produção e reprodução do fracasso escolar, levando o sujeito a visão de que existe uma desigualdade forte frente à escola, uma vez que esta reproduz uma sociedade desigual, excludente e que tende a marginalizar aqueles que não se enquadram nos “padrões” estabelecidos.

FRACASSO ESCOLAR: PRODUTO SOCIAL E HISTÓRICO DE UMA SOCIEDADE CAPITALISTA

Historicamente, o fracasso escolar está presente nas instituições de ensino. As buscas por explicações para a sua ocorrência revelam que este fenômeno social têm sido motivo de preocupação para vários estudiosos e especialistas que, por meio de estudos, caracterizam que este fenômeno não se separa das questões sociais e da estrutura da sociedade.

O fracasso escolar, atualmente, continua sendo visto como um fenômeno que está ligado às vivências dos estudantes na escola. Repetência, notas baixas e/ou baixo desempenho, evasão, dificuldades na aprendizagem, entre outros, são fatores utilizados para explicar o que é o fracasso, seja pelo senso comum, seja por teóricos que, imbuídos pela discussão sobre as causas e concepções deste fenômeno, trazem contribuições para compreendê-lo.

A Teoria da Carência Cultural foi uma vertente que influenciou na concepção do fracasso escolar, na qual, atribuída às “deficiências culturais” das famílias mais pobres a causa do fracasso escolar dos filhos. Essa concepção esteve presente na literatura educacional nos anos setenta no Brasil, entretanto, no contexto atual, o fracasso escolar ainda é explicado e visto mediante os olhos dessa teoria e, conseqüentemente, relacionado à fatores isolados, uma vez que em muitos casos a causa do fracasso é transferida para a família e o próprio estudante, não levando em consideração a amplitude das causas deste fenômeno.

A causa do fracasso atribuída ao estudante é uma prática presente nos dias atuais. Expressões como: “o aluno não se interessa”; “ele só quer bagunçar”; “não aprende porque não quer”, estão presentes no processo de culpabilização do estudante pelo insucesso na aprendizagem. Charlot (2000) propõe que o fracasso escolar não deve ser visto como resultado da reprodução ou deficiência cultural da família e do estudante, pois o fracasso não é algo em si, mas uma história daquele que fracassa, visto que o que existe são histórias escolares que terminam mal, ou seja, histórias de estudantes que no percurso de sua aprendizagem tiveram dificuldades e, embora a maior parte dos estudantes que fracassam sejam das classes populares, Charlot (idem) destaca que é necessário buscar a história desses estudantes, analisá-las e reconhecer que entre os educandos das classes populares, há aqueles que vivem experiências de sucesso escolar.

Diante dessa perspectiva, o fracasso escolar deve ser analisado não apenas com base em termos de diferenças entre as posições sociais dos alunos, mas na relação do saber e a escola, visto que, segundo o autor, transferir a causa do fracasso às falhas da família e dos estudantes ou à falta de cultura de ambas as partes com base na questão sociocultural, é uma leitura negativa da realidade. É necessário, portanto, realizar uma leitura positiva, que segundo Charlot (2000):

[...] busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, “o que falta” para essa situação ser uma situação de um aluno bem-sucedido. Um aluno fracassa, atrasa-se em sua escolaridade, vê-se em dificuldades na escola: pode-se explicar isso a partir do que ocorreu com ele, do que ele fez, do que ele pensou e não apenas, a partir do que não ocorreu com ele, do que ele não fez, do que ele não pensou[...]. (CHARLOT, 2000, p. 30).

Assim, buscar compreender como se constrói o fracasso escolar dos estudantes remete também às causas desse fenômeno que, em grande parte, são transferidas aos estudantes e suas famílias, que se tornam as primeiras vítimas das deficiências desse processo. Esse fato acaba por mascarar o “verdadeiro” responsável, que é a própria estrutura da sociedade responsável por produzir e reproduzir as desigualdades, as carências e as deficiências.

Não se pode negar que o fracasso escolar é um fenômeno social que é produzido diariamente nas escolas (Patto, 1999). Relacioná-lo a fatores isolados, transferindo a culpa do fracasso à escola, ao estudante e sua família e aos professores, acaba por transformar todos estes em antagonistas, afastando-os da reflexão de que existe um sistema que para se manter vivo, necessita de indivíduos alienados e que se culpam e transferem a culpa

pelas faltas, carências e, no presente caso, pelo fracasso do educando. Assim como afirma Oliva (2007), essa crença de justificar as reprovações dos estudantes na incompetência da família acaba por mascarar os reais processos responsáveis pela produção do fracasso escolar, além de não o considerar pelo que ele é, ou seja, produto social e histórico de uma sociedade capitalista.

A questão da marginalização também está relacionada ao fenômeno do fracasso escolar, uma vez que a escola é, igualmente, refém desse sistema de segregação, já que a marginalidade se faz presente principalmente no que se refere a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, aqueles estudantes que por vários motivos não conseguem alcançar determinadas notas ou atingir metas estipuladas pela escola, são também considerados marginalizados e fracassados no quesito educacional. Além disso, há também os indivíduos, em idade escolar, que não possuem sequer acesso à escola e aqueles que mesmo ao ingressar, não concluem.

A marginalidade, a pobreza e a miséria estão aí afetando os setores populares, os trabalhadores, a infância e a adolescência de nossas escolas. Estamos num momento particularmente sensível às velhas realidades: as desigualdades e os múltiplos processos de exclusão e marginalização. Os educadores não poderíamos ser diferentes. Retomamos velhos seriados tão atuais: as desiguais oportunidades socioculturais da infância pobre e os perenes mecanismos de exclusão de nosso sistema escolar. O fracasso volta, ou melhor, nunca nos abandonou. As motivações para tanta sensibilidade são diversas, desde o medo aos conflitos sociais, à violência dos meninos de rua, até aos velhos ideais de uma escola igualitária, passando pela redução de custos na administração de reprovados-repetentes. (ARROYO, 1992, p.46).

No que se refere a marginalização e o fracasso escolar, Saviani (1999) busca explicar e interpretar essa questão através de dois grupos de teorias da educação que são denominadas de teorias não-críticas e teorias críticas reprodutivas. O primeiro grupo entende a educação como um instrumento de equalização social, logo uma forma de superar a marginalidade. Já o segundo grupo concebe a educação como um instrumento de discriminação social, logo, ela é um fator da marginalização.

As concepções crítico-reprodutivistas, segundo grupo das Teorias da educação abordadas por Saviani (1999), compreendem o fracasso escolar, que antes se julgava ser uma disfunção, como função da própria escola, visto que a mesma é um instrumento de reprodução das relações de produção, já que na sociedade cujo modo de produção capitalista predomina, a escola reproduz a dominação, exploração, desigualdades e a cultura de exclusão que essa mesma sociedade produz. A escola é um reflexo da sociedade e, por meio disso, entende-se o seu caráter segregador, marginalizador, e a sua natureza seletiva. (SAVIANI, 1999).

Ao tecer sobre a escola como reprodutora da sociedade (SAVIANI, 1999), o capitalismo, sistema vigente na mesma, se faz presente para afirmar que a educação é uma instituição sustentada pelo discurso da eficiência, eficácia e rapidez dos processos de aprendizagem, pois assim como esse modo de produção prevê esses atributos a todos os processos, a educação, ao tomar como parâmetro esse modelo econômico, acaba por se estruturar mediante os mesmos princípios da racionalização e especialização.

Esse modelo de educação sustentado na estrutura do sistema capitalista reduz as relações presentes na educação escolar a relações meramente mercadológicas, desconsiderando aspectos sociais, culturais e as contradições existentes no processo de ensino. Além disso, considerar a aula como mercadoria nos remete a Educação Bancária, a qual Paulo Freire (1996) criticou. Esse modelo de educação parte do pressuposto que o aluno nada sabe e o professor detém todo o conhecimento e o “deposita” no aluno. Essa concepção desconsidera o educando como produtor do conhecimento e o tem apenas como consumidor, incapaz de pensar ativamente sua própria formação.

Dessa forma, a escola, que se pauta nos princípios da sociedade capitalista, tem como objetivo garantir ao estudante uma formação que vá ao encontro das exigências de qualificação de um sistema marcado pela ordem econômica da propriedade privada, sendo a educação planejada afim de minimizar as subjetividades do sujeito, não prevendo lugar para as singularidades do educando, e a valorização das mesmas.

Além disso, o atual modo de produção, pautado em uma sociedade de classes desiguais e também na acumulação de riquezas, imputa ao indivíduo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso, e a partir disso, expressões como “precisa estudar mais para ser alguém na vida”, “se não estuda não fica rico” ou “você não estudou porque não quis”, são utilizadas para reafirmar a questão de que esse sistema aliena os indivíduos a se culpabilizarem por todas as falhas, faltas e fracassos e também por suas próprias condições de explorados e excluídos.

Destaca-se ainda, que o ensino nesta sociedade capitalista atende a determinadas classes sociais, uma vez que os sistemas educacionais oferecem conteúdos, métodos e exigências que operam de maneira camuflada como um mecanismo de seleção dentro da própria estrutura escolar, submetendo o educando, das classes populares, a um ensino não adequado, e assim, ao fracasso escolar em um sistema obviamente não-igualitário. (PATTO, 1999). Em contrapartida, há um ensino que atende uma pequena parcela da população (elite), certificando a essa classe os mecanismos para que ela perpetue sua dominação.

Nesse caminho, o fracasso escolar acaba sendo um sintoma que se repete diariamente no cotidiano escolar (PATTO, 1999) e, mesmo que propostas busquem solucioná-lo, ele não deixa de se produzir e de se reproduzir, como também de requisitar novas interpretações, pois vivemos uma sociedade que se modifica e as relações presentes nela também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ao invés de considerar os estudantes menos capazes por apresentar um comportamento inesperado, que não corresponde as expectativas dos programas escolares, a escola deve deixar de rotular esses estudantes como fracassados no ensino, passando a vê-los como seres sociais que possuem suas dificuldades, seus erros e acertos. Além disso, esses preconceitos acabam por refletir na autoestima do educando, uma vez que o rótulo de fracassado pode refletir de maneira negativa nos avanços do aprendizado do estudante, pois se o indício que o sujeito tem para o seu futuro é de fracasso, por possuir dificuldades em seu percurso de aprendizagem, pouco resta para ele modificar essa realidade.

Cabe a escola, portanto, frente ao processo de marginalização e exclusão que geram o fracasso escolar, buscar compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa e valorizar as singularidades e as subjetividades do indivíduo, indo contra ao viés do capital, pois diferente das empresas, a escola deve se pautar por uma gestão e estrutura democrática, para alcançar os objetivos da educação, proporcionando aos estudantes os saberes historicamente produzidos e vivências nas diversas dimensões do conhecimento.

Além disso, o incentivo a uma reflexão crítica a respeito dos condicionantes sociais, econômicos e políticos que engendram todo este sistema capitalista que leva o sujeito não só a uma posição idealista de um mundo com oportunidade iguais, mas também uma visão realista de que há uma desigualdade forte frente à escola, se faz necessário a fim de levar o sujeito a não se conformar com a atual estrutura e, mais que isso, confrontando os ideais que a ideologia dominante promove.

Por meio deste estudo, não temos a pretensão de trazer um “xeque-mate” para as questões que envolvem o fracasso escolar, aliás, nos propomos a afirmar que este fenômeno é amplo e existem ainda múltiplas questões a serem abordadas. Portanto, essa análise deve ainda ser enriquecida com a implementação de novos conceitos e a análise de outras perspectivas das múltiplas questões envolvidas no fenômeno do fracasso escolar, já que se trata de um problema social e deve ser analisado de forma ampla, levando em consideração que a sua ocorrência se faz em uma instituição que reproduz uma sociedade desigual, excludente e marginalizadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em aberto**, Brasília, 1992.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: Elementos para uma teoria**. São Paulo: Artmed, 2000.

CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Trad. Sônia e Marta D' Agord. Porto Alegre, 1996.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996.

OLIVA, Diana Villac. O fracasso escolar em famílias de baixa renda: Leitura segundo a psicologia social crítica. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2007, p. 01-11.

PATTO, Maria. Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 3º edição, São Paulo: Casapi Livraria e Editora Ltda. 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: As teorias da educação e o problema da marginalidade**. p.15-45. 32º edição, São Paulo, 1999.